

# CRÔNICAS SOBRE TERRITÓRIOS TRANSITIVOS

## Experimentações cartográficas de urbanidades coexistentes

CHRONICLES OF TRANSITIVE TERRITORIES  
Cartographics experimentations of coexisting urbanities

**Paul Newman dos Santos<sup>1</sup>,  
Carolina Pifano<sup>2</sup>, Lucas Pereira Bosco<sup>3</sup>,  
Paula Pedreira Del Fiol<sup>4</sup> e Vanessa Forneck<sup>5</sup>**

### Resumo

Este ensaio apresenta experimentações cartográficas sobre processos que dão a ver a dimensão do sensível do viver citadino contemporâneo. Adotando cinco feiras populares nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul como locais de investigação, o foco foi entender as potências desses espaços como territórios de coexistência de tempos, urbanidades e afetos - estes tratados aqui pelo termo Territórios Transitivos. A partir de um jogo cartográfico proposto que explorou os limites da ideia de cartografia no contexto contemporâneo, além de deslocamentos semânticos entre corpo-memória-cidade, os autores elaboraram o que nomeou-se como *cartografias-crônicas*. Relatos inventivos escritos como potência de interlocução sobre o urbano, atentos aos elementos cotidianos revisitados pela memória. Como resultado, criou-se também o website *Crônicas Sobre Territórios Transitivos*, que enquanto instrumento de registro aberto à uma experimentação não-linear de leitura destas *cartografias-crônicas*, expõe cotidianidades que precisam ser construídas coletivamente. As feiras podem ser vistas como pontos de encontro na cidade, onde acontecem trocas entre as pessoas, seja na relação entre os próprios feirantes ou entre feirantes e compradores. Nesse encontro, de específica espacialidade temporal - momento feira - encontra-se a potência fundante de afetação e reinvenção do cotidiano que transita entre corpos e urbanidades táteis.

Palavras-chave: cartografias-crônicas, territórios transitivos, feiras populares, narrativa urbana.

1 Doutorando em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo (IAU/USP). Mestre e graduado em Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo (IAU/USP).

2 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

3 Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

4 Mestranda em Arquitetura e Urbanismo na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

5 Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo (IAU/USP). Mestra e graduada em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas (UFPel/RS).

### Abstract

This essay presents cartographic experiments that aimed to investigate processes that reveal the sensitive dimension of contemporary city life. Adopting five popular street markets in the states of São Paulo, Minas Gerais and Rio Grande do Sul as research sites, the focus was to understand the powers of these spaces as territories of coexistence of times, urbanities, urbanities and affections - these will be treated here by the term Transitive Territories. From the proposed cartographic game that explored the limits of the idea of cartography in the contemporary context, in addition to semantic shifts between body-memory-city, the authors elaborated what were named as chronic-cartographies. Inventive reports written as a power of interlocution about the urban, attentive to everyday elements revisited by memory. As a result, the website *Crônicas Sobre Territórios Transitivos* was also created, which as an instrument for registering open to a non-linear experimentation of reading these chronicle-cartographies, exposes daily life that needs to be built collectively. The popular street markets can be seen as meeting points in the city, where exchanges between people take place, whether in the relationship between the merchants themselves or between merchants and buyers. In this encounter, of specific temporal spatiality - street markets moment - is found the founding power of affectation and reinvention of everyday life that transits between bodies and tactile urbanities.

Keywords: chronic cartographies, transitive territories, popular street markets, urban narrative.

### Territórios Transitivos

De início, uma inversão. Recomenda-se que a leitura desse ensaio comece por uma breve deriva no site: <https://transitivos.wixsite.com/cronicas>. Sem entendimento primário, um primeiro contato talvez seja essencial para a compreensão do processo experimental que será descrito nas próximas páginas.

Dito isso, este ensaio expõe um exercício de representação de experimentações urbanas<sup>6</sup>, advinda do registro de um processo cartográfico que visou investigar processos que dão a ver a dimensão do sensível do viver citadino contemporâneo, mais especificamente, daquela cotidianidade que toca, que rasga, que rompe. O objetivo deste exercício foi encontrar uma forma de representar e expressar as vivências corpóreas do cotidiano, especialmente dos afetos que transitam e que se imprimem na relação entre os corpos na cidade. A questão disparadora era como mapear aquilo que transborda as relações hegemônicas de uma vida mercantilizada e que se evidencia pela sobreposição de experiências complexas e subjetivas. Para isso, o cenário de estudo escolhido foram feiras populares, espaços singulares e coletivos que fazem parte do imaginário urbano ordinário. Como resultado, apresenta-se neste ensaio o que nomeou-se como *cartografias-crônicas*, textos formulados a partir de um jogo de experiências que visou explorar os limites da ideia de cartografia no contexto contemporâneo, experimentando a escrita subjetiva como potência de interlocução. Expõe-se, então, neste texto, qual o contexto teórico que se deu este debate, como foi o processo de experimentação e registro destes espaços, e por fim as *cartografias-crônicas* e seus desdobramentos.

<sup>6</sup> Este ensaio é derivado de um debate ampliado sobre o conceito de *territórios de coexistência* desenvolvido para a disciplina *Cartografias: Tecnopolíticas e Geopoéticas* no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2022, ministrada pelos professores David Moreno Sperling e Luciano Bernardino da Costa.

Vale citar que nesta experiência evocou-se o princípio de *territórios de coexistência*, aqueles que comportam a sobreposição de espaços e de tempos em uma dinâmica simultânea de manifestação. Para Milton Santos (1996), territórios são caracterizados a partir de formas geográficas utilizadas de maneiras distintas e diversas — por objetos, ações e pessoas. Conseguem englobar um viver comum de múltiplos tempos, de diversas possibilidades de usos e processos, que numa sucessão de eventos possíveis, podem coexistir. Diferentes vivências conduzidas no mesmo espaço urbano por pessoas, empresas e instituições (SANTOS, 1996). Esta é a premissa de coexistência que se relacionará com o seguinte texto, consideramos que ela está presente nos territórios urbanos que existem na superposição de processos e significâncias. Espaços e lugares que se constituem como locais pela reinvenção, simultaneidade, sincronia e conflito.

Nesse sentido, considerando a incorporação das escalas sensíveis de um território vivido, se estabelece um campo de pensamento teórico que a tal coexistência de materialidades e vivências do espaço urbano fluem para a criação de um território que também é afetivo. Entendendo afeto pelo debate que Hutta (2020) propôs sobre a noção do território urbano ser mais que uma mescla entre aspectos políticos, econômicos e simbólicos. Trata-se de uma forma de olhar as dinâmicas do espaço e dispor que a consistência territorial é essencialmente conectada às forças afetivas. Sendo afeto para Hutta (2020) influenciado pela leitura que ele faz do livro *Espinosa: Filosofia Prática* de Gilles Deleuze, e se define como:

[...] um indicativo de modificações nas capacidades de agir – uma modificação que resulta dos encontros de um corpo em suas interações com outros corpos [...] é mais do que uma valorização subjetiva dos indivíduos: é um dinamismo relacional se desdobrando entre corpos em interação em e com o espaço [...] não são apenas expressados ou experimentados no território, eles também constituem o território (HUTTA, 2020, p. 65).

Portanto, é sobre pensar afetos como um conjunto de vetores que operam em uma multiplicidade de escalas que carregam potências, latências e possibilidades de sentidos. Podem envolver a dimensão física do território político-econômico ou aspectos simbólicos de uma territorialidade subjetiva, mas que em última instância perfazem sobre a noção de um território em que a espacialidade se dá fundamentalmente pela afetação entre corpos<sup>7</sup>. Disso, é possível entender a ideia de afeto como um elemento essencialmente relacional e processual. Não é apenas um efeito ou um sentimento, mas é também um motivador, bloqueador ou gerador de processos sensíveis no espaço urbano. Ou seja, um território afetivo é aquele que afeta, rasga, rompe ou ecoa. Um território que adentra no campo das experiências abertas, atravessado por sentidos múltiplos que ganham consistência por encontros e interações dos corpos urbanos.

É neste contexto que se elege a escolha das feiras populares como cenários de debate, e também que surge o termo *Territórios Transitivos*, utilizado como título deste ensaio. No debate sobre coexistências aplicado à natureza urbana das feiras populares, constatou-se a necessidade de uma categoria subjetiva de território que desse conta de trazer tanto o princípio de coexistência quanto de afetividade. Ou ainda que fosse capaz de condensar as leituras e impressões originadas de experiências vivenciadas neste território. Desta forma, *Territórios Transitivos expressa* a ideia de urbanidades que necessitam de ações complementares para se materializarem como memória e

<sup>7</sup> Entendendo corpo nesse sentido da maneira mais ampliada possível, sendo qualquer componente no espaço, ou como observado por Deleuze, “pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade” (DELEUZE, 2002, p. 132).

realidade física. Transitivos, em um jogo de palavras com dupla relação, pode remeter, por um lado, à ideia *em trânsito*, ou que se pauta num movimento efêmero. Por outro, aos princípios de verbos transitivos, que tendo sentido incompleto, necessitam de um complemento verbal para integrar a sua significação. Assim, ao eleger essa expressão, evidenciam-se espaços que nesse ensaio se manifestam nas feiras populares, mas que também revela-se em locais como quermesses, festas, e outros eventos com permanências cíclicas ou efêmeras. Territórios que ganham sentido e potência real a partir da relação cotidiana e sensível de sujeitos urbanos e das múltiplas camadas de práticas, movimentos e vivências.

Mesmo com caráter transitório, a manifestação material ou sensível desse território apresenta-se ao indivíduo como um espaço de cotidianidade compartilhada. É um viver comum constituído por diferentes temporalidades agenciadas pelas ações dos indivíduos no espaço, e fundamentam certas práticas sociais. Assim, observa-se a conversa entre as práticas subjetivas de um território vivido e a tradução para a esfera social de coexistência de diferentes sujeitos que dizem sobre um conjunto partilhado.

Esse território é vivido por meio de ações cotidianas fundadas no sentido do lugar e de sua identidade, seguindo maneiras de habitar constantemente elaboradas e re-elaboradas em um diálogo local (BESSE, 2014). Conectadas as forças afetivas, há uma subjetividade construída por experiências atentas a reinvenção dos modos de fabricação dos espaços, contrariando modos associados à mercantilização da vida. Em vista disso é que se optou por fazer uma aproximação a esse território por meio da criação de narrativas que serviam como um instrumento bivalente. Daria conta de registrar a experiências dos autores nesse território de reinvenção cotidiana, mas também cria a possibilidade de diálogo entre essa camada sensível do urbano com os possíveis leitores dessas narrativas. Uma possibilidade de criar também um diálogo local desse território que transita e se transforma na cotidianidade. Entende-se a partilha de narrativas urbanas é uma prática sensível de abertura do imaginário às experiências desestabilizadoras de representações homogeneizantes, que com o compartilhamento por meio de relatos e da memória das experiências individuais celebram a construção de experiências coletivas (JACQUES, 2012).

Dessa maneira, foi pensado um percurso para a reflexão do território da feira por meio da escrita de crônicas enquanto exercício cartográfico de afetos cotidianos. A escolha pelo gênero da crônica diz muito sobre a abordagem proposta pelo trabalho: a investigação e o destaque de aspectos banais da vida contemporânea. E o contemporâneo, primeiramente pensado como aquilo referente ao tempo atual, da experiência presente e do compartilhamento desta. Mas também, pensar a palavra no sentido de coexistência como tentativa de reconhecimento daquilo que está em relação entre as feiras investigadas e as fazem coexistir umas com as outras. As características da crônica permitem um tipo de escrita entre o jornalismo e a literatura, entre a investigação descritiva e a reinvenção imaginativa dos fatos cotidianos. Em uma escrita breve e de linguagem autoral, uma crônica destaca questões comuns para incitar reflexões sobre o que foi narrado. No caso deste trabalho, pretendeu-se olhar atentamente para o urbano e os afetos colocados em relação às espacialidades temporais e físicas específicas da feira — momento feira — e dar a ver a dimensão sensível do viver citadino que esta envolve.

Somar a palavra cartografia à crônica, transformando-as em *cartografias-crônicas*, diz respeito ao processo de localizar dentro da complexidade espaço-tempo contemporâneo àquelas relações ou àqueles elementos que podem reverberar na investigação, como forma de criar múltiplos acessos aos ditos *territórios transitivos*. Como também, de organizar uma rede de relações provisórias e ao mesmo tempo estruturantes do pensamento. Assim, a noção lançada pela cartografia é a de quebra

da linearidade de leitura, não importando por onde começa ou termina, importa como as crônicas podem ser repensadas a partir do que foi proposto e a instauração da efemeridade como princípio.

As cartografias-crônicas proporcionam articular as escritas singulares de cada cartógrafo-cronista levando em consideração suas formas próprias de experienciar a feira e de comunicar sobre o observado. Além de colocar condição de abertura frente às possibilidades de leitura das narrativas. A crônica é narrada a partir de um encadeamento de acontecimentos, sendo que, em certa medida, a estrutura do texto permite uma forma aberta de resposta da experiência do cartógrafo-cronista. Cada cartografia é autônoma. O desafio posto então é como colocá-las em condição de coexistência uma vez que trata-se da narrativa sobre *territórios transitivos*, de territórios que chamam uns aos outros para possuírem sentido de maneira conjunta. Para isso, aciona-se outras duas ferramentas: a escolha de descrever uma feira específica sem revelar imediatamente do que se trata e “o mapa de palavras”. Este último faz parte do produto final, o website *Crônicas sobre territórios transitivos*, onde é possível transitar pelas cartografias-crônicas através de palavras compartilhadas entre elas.

Por fim, vale ratificar que o processo de elaboração e divulgação das *cartografias-crônicas* aqui apresentadas foi guiado por uma indagação fundante: como evidenciar a potência de afetos e sensibilidades num determinado tempo-espaço na cidade através da narrativa do cotidiano de uma feira? Dentre diferentes abordagens de relatos descritivos como leituras do espaço, a união entre cartografias e crônicas surge como resposta. Volta-se aos *Territórios Transitivos*, ao espaço onde a feira acontece, um local comum que surge como meio para se pensar o agenciamento de experiências atentas ao urbano e as dinâmicas transitivas e coexistentes. O objetivo foi instigar um olhar atento para o urbano vivido por meio da escrita de crônicas e da leitura — mais navegação pelo site — como formas de persistência e reflexão frente a determinadas práticas de homogeneização e mercantilização da vida. Tem-se, então, uma abordagem cartográfica que se localiza no campo de narrativas urbanas que implicam do corpo e afetação a partir de acontecimentos cotidianos.

### **Jogo cartográfico no momento feira: matéria, memória, corpo e escrita**

Entendendo a coexistência de temporalidades e de afetos de locais como feiras populares, que sobrepõe um espaço de significância já existente, percebe-se que esse território é, na realidade, não um, mas muitos outros justapostos em diferentes escalas de tempo. Cada um podendo ser acessado em matéria ou em memória por meio da experiência do espaço cotidiano em um instante vivido. Sendo o relato escrito colocado aqui como a possibilidade de tradução dessa presença transitiva, a qual é percebida também na sua ausência. A Feira existe na coletividade não apenas no seu *momento feira*, mas também na lembrança, na lacuna e na espera da sua rematerialização. Num caráter de *Território Transitivo*, ela relaciona-se a conflitos, permanências e transformações inerentes às dinâmicas do espaço cotidiano. Conforme temporalidades específicas adquire formas, usos e possibilidades de acessos diferentes das que vigoravam previamente naquele espaço. Assim, nota-se a presença do tempo como articulador essencial para o emergir desse território e como circunstância de inflexão para a transição de um pelo outro. Dessa maneira, o espaço é visto, em escala temporal, como *momento* resultante da interação de forças (objetos, ações e pessoas) que fazem o espaço deslocar-se em certas direções.

A autora Dias (2020) aborda a ideia de feira como um espaço de persistência na cidade. Essa noção é trazida a partir das feiras populares que podem ser entendidas no espaço como um ato de persistir, no sentido de uma teimosia tática. Diferentemente

da ideia de resistência, que diz respeito à luta e enfrentamento, a persistência traz tanto uma relação passiva — deixar-se permanecer — quanto uma relação ativa — a decisão de permanecer. São espaços criados que se configuram como brechas na cidade, em que persistem as memórias enraizadas, mas, ao mesmo tempo, permitem ações praticadas no presente.

As memórias associadas às feiras não estão fixadas necessariamente nos elementos físicos e materiais, mas nas relações estabelecidas entre corpos. Trata-se de um vínculo afetivo, uns conhecem os outros, sabem sobre suas histórias, compartilham momentos e, desse modo, as memórias estão relacionadas às pessoas, são elas quem ganham destaque na constituição desses locais. “De certa maneira, a memória da feira é volátil e não remete a uma fixidez, mas a redes relacionais” (DIAS, 2020, n.p.). As atividades que acontecem durante a feira começam a se tornar um hábito de trocas e relações que vão se construindo naquele *momento feira*, inserem-se na cidade como pontos de encontro, de trocas e de afetividade (DIAS, 2020). Notando que isso não é o mesmo que falar sobre esses espaços somente com uma nostalgia leviana, afinal como mencionado por Hutta (2020), afetos, no seu sentido de afetação, não necessariamente remete a sentimentos positivos no espaço.

Diante disso, para o processo prático de reflexão, foi proposto, como recorte de investigação, feiras semanais onde são expostas e vendidas mercadorias oriundas de produtores locais. A escolha efetiva foi definida a partir de alguns critérios: deveria ocorrer em um espaço público; de fácil acesso presencial para os participantes; e realizada com uma certa frequência na cidade, no caso, semanalmente. As feiras escolhidas foram nos seguintes locais: Praça XV em São Carlos/SP; Praça Olímpica em Araçatuba/SP; Largo Antônio Gomes da Silva em Pelotas/RS; Saguão da Prefeitura em Teutônia/RS; e Praça Antônio Carlos em Juiz de Fora/MG. O princípio de escolher locais distintos e de diferentes cidades foi uma tentativa de complexificar o debate e entender as possibilidades ressoantes de justapor percepções de territórios que em sua essência já são superpostos. Entendendo que o guia, tanto das experimentações quanto da escolha dos locais a serem mapeados, evidenciou aspectos de uma identidade abstrata. Não foi sobre hegemonizar a complexidade desses territórios, nem tampouco de dizer que é possível criar categorias únicas de locais que se pautam tanto em uma cotidianidade local.

A justificativa da escolha dos lugares mescla condicionantes geográficas e relações de afeto. Os autores deste ensaio, em um primeiro momento, não se conheceram pessoalmente no momento de realização das experimentações. Devido ao local de moradia de cada autor e aos reflexos do isolamento sanitário da Covid-19, todas as conversas, reflexões e produção das cartografias aconteceram de maneira remota, apenas as visitas às feiras foram presenciais. Isso se deve tanto ao local de moradia de cada autor na época, como também à opção de retornar às feiras das cidades natais ou escolhidas como tais pelos autores.

Sendo assim, o processo de visita às feiras se iniciou de maneira direta. Cada um dos autores ficou responsável por vivenciar o cotidiano de uma dessas feiras citadas. Registros dos acontecimentos vivenciados foram realizados por meio de um Diário de Campo, que consistiu num dispositivo à escolha do participante (caderno, folha, celular) para serem feitas observações, apontamentos e desenhos durante o que chamou-se de *momento feira*. Foram anotadas impressões como uma forma de registro instantâneo, para que nada escapasse dos olhares atentos de cada participante-cartógrafo(a). Complementar a isso, outra ação aplicada na visita a campo foi a realização de um *jogo*, visando observar o cotidiano de uma feira a partir de uma palavra disparadora. Foram elencadas cinco palavras-chave: pessoas, cores, sons, números e objetos, e realizado um sorteio entre os cinco autores. Assim, cada um deveria ter sua atenção



direcionada para a *palavra disparadora*, mas, ao mesmo tempo, aos acontecimentos do entorno.

A quantidade de palavras foi definida pelo número de *cartografias-crônicas* a serem elaboradas, uma por feira. A escolha das palavras disparadoras partiu do que foi entendido como importante para uma crônica (pessoas e objetos, por exemplo) e característico da feira (números, indicação dos valores e quantidades, etc). Entende-se que as palavras não esgotam as possibilidades de descrição das feiras, ao contrário, proporcionam uma maneira de ampliação e de interação entre os elementos descritos e as categorias de palavras disparadoras. Pois, a categoria pode tornar-se atributo: os objetos são coloridos, as cores descrevem as pessoas, as pessoas produzem sons, os sons podem ser inúmeros, os números estão em objetos e assim continua.

Desse modo, a proposta de jogo aparece como um exercício lúdico de apreensão da cidade. Um diálogo polifônico com o cotidiano onde a ida a campo oferece atrito<sup>8</sup>. Estruturando assim, uma prática cartográfica que não busca simplesmente descrever um espaço, mas que produz subjetividade a partir de uma experiência movida por afetos. Entendendo então que:

A cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 57).

Esse conceito de cartografia está, então, alinhado ao que foi apresentado por Deleuze e Guattari (1995) em *Mil platôs* como um dos princípios do rizoma; que dista do modelo de pensamento arborescente, enraizado, hierárquico. O rizoma é estranho a tentativas de significação e hierarquia, encontra-se sempre no entre, sem começo ou fim. Enquanto a árvore-raiz é filiação, o rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo *ser*, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36). Rizoma é mapa:

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Assim, encontramos nessa concepção ampliada de cartografia um método processual possível para apreender as multiplicidades desse território do *momento feira*. Neste trabalho é proposta a imersão dos autores como cartógrafos no espaço onde a feira acontece, com a intenção de experienciar as diferentes dimensões e afetações possíveis num determinado tempo-espaço. Depois dos registros em campo, a cartografia se materializou na elaboração de *cartografias-crônicas*, como já mencionado, que visam expressar potencialidades a partir do cotidiano de uma feira na cidade. Essa abordagem considerou a implicação do corpo e afetação dos autores-cartógrafos a

8 O atrito, segundo Caiafa (2007), impulsiona o pensamento e traz novidades. Um exercício de estranhamento enquanto “processo de trabalho de campo” (CAIAFA 2007, p.149).

partir de acontecimentos cotidianos em um processo de escrita subjetiva e de partilha coletiva das experiências. Essa aproximação baseia-se nas obras de Perec (2006)<sup>9</sup> e Calvino (1990)<sup>10</sup>.

De Perec, vem o olhar para os cotidianos a partir da observação e registro segundo disparadores, mas principalmente a ideia de tornar-se sensível ao cotidiano do *momento feira* específico, em uma tentativa de espacializar a temporalidade da feira: o seu *momento*. Com a ressalva de que o propósito das *cartografias-crônicas* não era colocar os autores-cartógrafos em posição de observador – de *voyeur* da multidão, relacionado ao contexto da passagem do século XIX para o século XX – e sim de participantes em movimento junto com as ações e pessoas que compartilham o território da feira e elaboram memórias sobre ela. De Calvino, a possibilidade de descrever o território da feira com suas especificidades locais e contar sobre tantas outras em simultâneo, de contemplar feiras e mais feiras pela descrição de uma única afetada pelos esquemas da memória. De ambos a experiência lenta de envolvimento com o processo cartográfico, de distensão do tempo e de criação de espaços.

O resultado desse processo cartográfico, se coloca em dois ciclos. Um primeiro que corresponde ao próprio fazer das *cartografias-crônicas*, e um segundo que buscou pensar como essa escrita poderia se apresentar para leitores. Ou seja, num primeiro momento a escrita e a relação autor-cartografia-texto entre em questão. Já num segundo momento, se prioriza a relação texto-divulgação-leitores, de modo que o debate focou em qual seria a plataforma, os formatos e as dinâmicas de leitura. Levando também em conta a interação e as possibilidades inferências entre os próprios textos.

### Ciclo 1: Cartografias-crônicas

Desde a escolha de diferentes locais, de palavras disparadoras para o jogo cartográfico, até o debate desenvolvido para elaboração dos textos, levou-se em conta um princípio de fragmentação. Considerando o *momento feira* um *Território Transitivo* com tanta multiplicidade de afetos, não existiu a intenção de esgotar a representação desses espaços. Tanto nas *cartografias-crônicas*, quanto para suas possíveis leituras, optou-se por apresentar as percepções por fragmentos. Isto é, opta-se por separar em fragmentos a multiplicidade desses espaços para compor uma identidade abstrata desse território coletivizado. Não se apresenta o espaço da feira na sua completude, mas de dar a ver por lacunas, que seriam preenchidas pelos leitores.

Assim, a escrita das narrativas são construídas de maneira enigmática. A partir dos disparadores, buscou-se descrever os locais sem revelar imediatamente qual momento feira faz referência, até mesmo qual cartógrafo-cronista<sup>11</sup> foi responsável pela escrita. Esta não foi feita para assumir posição de neutralidade, pois a linguagem escrita e a escolha do que descrever parte de modos e de afetos individuais. Mas essa aparente ausência foi pensada para permitir ao leitor transitar entre as palavras e crônicas e reconhecer relações com seu próprio território de feira, como, por exemplo, a partir da dinâmica desses encontros, os tipos de produtos comercializados, os cheiros e aromas

9 Em *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*, Georges Perec (2016) descreve, conforme as afetações o atravessam, as inutilidades possíveis de serem observadas na praça de Saint-Sulpice com o objetivo de valorizar o ordinário das cidades e de espacializar a passagem do tempo como aspectos intrínsecos à construção incessante da vida cotidiana.

10 Calvino (1990) aborda a cidade enquanto símbolo complexo através de descrições de cidades visitadas pelo personagem Marco Polo a Kublai Khan à medida que os textos curtos e profundos abrem espaço à reflexões sobre o fenômeno urbano.

11 Os cartógrafos-cronistas são arquitetos e urbanistas, estudantes de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado e frequentadores das feiras.

em cada espaço, etc. Além disso, nessa leitura por fragmentos, também percebe-se características destoantes nesses territórios, pois acontecem em diferentes horários e dias de semana, em locais distintos que promovem maior ou menor facilidade de acesso (rua, praça, setor administrativo); são oferecidas atividades variadas como, por exemplo, a presença ou não de música durante a feira; se existem mesas e cadeiras para que as pessoas possam permanecer por mais tempo no local; entre outros fatores que podem influenciar no número de pessoas circulando na feira, assim como podem promover novas interações nesses territórios.

Pela ausência de certezas na escrita, o princípio foi criar um fluxo de leituras e experiências entre autor-texto-leitor que evidenciaria similaridades e diferenças. Como dito, não é sobre uma neutralidade, mas sobre criar pontos de atenção em que o pensamento, a memória e a exploração são necessários para revelar aqueles locais descritos. Numa proposição de não esgotar os significados destes territórios transitivos, a maneira de não reafirmar que se está falando de uma feira específica, ou quem escreveu cada texto, ou ainda, qual o local geográfico de cada experimentação, vem de uma tentativa de levar ao leitor dispositivos para refletir sobre as próprias experiências cotidianas, ou sobre as próprias memórias de suas vivências urbanas. Isto é, a potência está na criação de um processo experimental em que as significâncias do urbano são construídas coletivamente.

Dito isso, após a visita à feira, cada participante elaborou uma cartografia individual composta por uma crônica. A ideia foi não utilizar descrições concretas e detalhistas, mas criar uma narrativa sobre a subjetividade daqueles espaços. Inclusive, para a escrita existiam duas regras, a palavra feira não deveria estar presente no texto e a narrativa deveria focar na palavra disparadora sorteada para cada participante. Ou seja, cada texto trabalha com um imaginário da *momento feira* focando em uma questão específica. O princípio, novamente, foi apresentar as leituras do espaço por fragmentos, que juntos comporiam uma identidade construída gradativamente pela leitura.

Em seguida, são apresentadas as cinco *cartografias-crônicas*, junto a uma breve explicação, seguindo a sequência proposta pelo jogo: pessoas, cores, sons, números e objetos.

### **Cartografia-Crônica 1: Ser e Estar**

*Havia ali três categorias de pessoas: os fixos, os transitórios e os atravessadores. Apesar das claras diferenças de suas intenções ao entrar naquele território, não existia entre eles qualquer tipo de rivalidade. Talvez certos conflitos surgissem esporadicamente aqui ou ali, afinal a própria natureza do espaço exigia deles uma certa condescendência.*

*Sei que os fixos provavelmente eram os primeiros a chegar. Até porque, esse território parece existir apenas durante a permanência desse grupo. Sendo a presença deles indispensáveis para sua materialização. Quase que religiosamente, um pouco depois do sol nascer no horizonte, já estavam eles ali com pilhas e mais pilhas de seus artefatos. Cada um com seu lugar delimitado por pequenas estruturas, se organizavam e permaneciam na espera pela visita dos transitórios, enquanto observavam ocasionalmente os atravessadores que lentamente iam se concentrando aos arredores.*

*Não existia uma hora exata da chegada dos outros dois. Esporadicamente, surgiam das mais diversas formas, dos mais distintos cantos. De moto, de carro, de bicicleta, a pé. Não se sabe ao certo de onde eles vinham. Se era de um lugar próximo ou distante o suficiente para que uma caminhada não fosse possível. Não que isso importe. Afinal, nem mesmo os fixos se sabe exatamente de onde vieram. Claro que com uma simples pergunta para um ou para outro, o mistério seria resolvido. Não é como se estivessem ali em segredo. Estavam todos à mostra para verem e serem vistos.*

*Os Transitórios em número eram muitos. Mais que Fixos, mas nem tanto quanto os Atravessadores. Eles permaneciam pouco tempo. Tão pouco que raramente a sua estadia completava uma hora (às vezes nem sequer completavam 30 minutos). Os passos lentos ao percorrer o chão eram sua identidade. Mesmo que chegassem ali em diferentes transportes, ao adentrar naquele território, andavam. Por vezes em um percurso um tanto deambulatório, circularam entre pontos antes de partir para outros cantos fora ali. Não sei ao certo se buscavam algo em específico, ou se era um desejo de curiosidade por circular os olhos dentre as mais diferentes coisas que os Fixos traziam consigo. O que sei de fato é que por ali eles se deslocavam em idas e vindas, por vezes certeiras e direcionadas, por vezes vagas e flanas.*

*Nisso, era claro que eles estavam ali para se encontrar. Os Fixos e os Transitórios. Como se estivessem em dois lados distintos de uma janela, trocavam entre si palavras, valores e artefatos. Curioso perceber que alguns talvez se conhecessem de outros encontros, mas esse é um fato que permanece no talvez. Isso, pois o ambiente causava uma certa confusão. Transmitia uma dinâmica de relações que era quase familiar, mesmo que certamente muitos deles nem sequer eram conhecidos. Inclusive, conversas dispersas e amigáveis sobre os mais diversos acontecimentos das vidas fora dali contribuíram para essa impressão. Papos que começavam sempre com um caloroso bom dia e contornavam as verdadeiras intenções desses dois tipos.*

*Evidentemente, existiam ali aqueles que preferiam diálogos mais diretos, secos, que encerraram tudo em duas ou três sentenças. Apesar disso, a dinâmica do espaço exigia sempre um contato, mesmo que mínimo. Todos os transitivos adentravam ali com sacos, sacolas e caixas preparados para levar algo. Todos os Fixos adentravam ali com sacos, sacolas e caixas preparados para deixar algo. Uma relação de partes igualmente intencionadas com uma inevitável mediação feita por palavras, vontades e contatos.*

*E os atravessadores? Você pode me perguntar. De fato aquele território ganhava sentido em sua maioria pelos encontros entre Fixo e Transitórios, mas tinha ali essa terceira categoria, curiosamente em maior quantidade. Uma figura que como o próprio nome sugere está em um fluxo de deslocamento. Existem mesmo na ausência dos outros dois se movendo sem necessariamente se ater ao caminho. Mesmo os que não são atentos, notam a materialização do território pelos Fixos, já se acostumaram com isso.*

*Diferente dos Transitórios que tem na sua identidade o deslocamento a pé, os Atravessadores circulam das mais distintas formas. Sua intencionalidade ao adentrar naquele território não é outra senão a de percorrer um trajeto. Às vezes, nem sequer entram nos espaços que os outros dois habitavam, apenas tangenciam os seus limites. Passam por ali por uma necessidade que não residia na existência daquele lugar. Existiam e continuariam ali até mesmo depois que aquele território se rompesse com a partida dos fixos.*

*Lugar intrigante. De relação tripla de contatos, diálogos e trocas. Um território que se sobrepõe a espaços que já existem. Se materializa com a chegada dos Fixos. Se abre momentaneamente para os transitórios. Se rompe com a sua partida. E assim segue por ciclos de aparição”*

A cartografia-crônica *Ser e Estar* teve como disparador a presença das pessoas no *momento feira*. A ideia foi caracterizar elementos, questões e ações que poderiam compor as diferentes identidades dos sujeitos que habitam aquele território. Sem a intenção de generalizar um conjunto tão complexo, focou-se em agrupar as figuras humanas pela intenção de estar naquele espaço urbano. Assim, classificando em três categorias – os que vendem, os que compram, e os que apenas transitam – partiu-se do princípio de criar uma narrativa, pelas imagens e pelo texto, que evidenciasse a presença e as dinâmicas que esses grupos estabeleciam entre si e com o próprio espaço. Como resultado, ao leitor existe uma relação compartilhada entre os recortes de imagem que dão pistas das identidades múltiplas desses sujeitos, com uma descrição voltada às ações, intenções e caracterizações das pessoas que habitam aquele território.

### **Cartografia-Crônica 2: A escolha das cores**

*O dia estava frio, me agasalho bem para sair de casa. Sou acolhida no saguão da prefeitura e lá me abrigo do vento gelado. Caminho pelo piso de concreto e vou em direção ao centro do saguão.*

*Olho para o entorno e observo bandeirinhas amarradas em alguns pontos da cobertura metálica, cada uma delas tem uma cor do município: vermelho, verde e branco. Algumas mesas improvisadas são montadas com cavaletes pintados de branco. A tinta descascada mostrava partes do tom amadeirado.*

*Tampas de madeira são apoiados nos cavaletes e em cima observo uma variedade de cores: roxo, vermelho, branco, laranja, amarelo, vermelho e distintos tons de verde. Tudo fresquinho, alguns produtos já embalados em sacos plásticos. Olho atenta para as cores em cima da mesa e consigo associá-las a um sabor.*

*Uma cor, um gosto. Mas, ao mesmo tempo, cada tonalidade de uma mesma cor, apresenta uma distinção de sabores. Nenhuma é igual, assim como nenhum sabor e textura são iguais. Embaixo das mesas estão alguns caixotes vermelhos e pretos, assim como, caixas térmicas em vermelho e branco.*

*Tudo organizado e setorizado para montar e desmontar, para expor e recolher cada uma daquelas cores, no momento em que chegar a*

*hora de acabar. Depois disso, a cor cinza do piso ganha destaque naquele espaço, tudo fica em estado de aguardo para que na próxima semana, a variedade das cores volte a predominar.*

A cartografia-crônica *A escolha das cores* teve como palavra disparadora os elementos destacados a partir das cores e da variedade de tonalidades no *momento feira* e no *momento não feira*. No espaço sem o acontecimento da feira as cores predominantes eram as acinzentadas do piso e da cobertura metálica do saguão da prefeitura. Pequenos destaques em vermelho, branco e verde são apontados pelas cores das bandeirinhas do município amarradas na cobertura, no entanto, ao chegarem os produtos a variedade de cores toma conta do espaço. Cada tonalidade dos produtos expostos permitia a associação a um sabor ou a uma textura. Diante dessa variedade de cores, são compostas novas paletas de cores — uma outra cartografia — na medida em que são selecionados os produtos que são levados para casa. Cada feira apresenta suas singularidades, mas no *momento feira* é inevitável a presença das cores, das diversas tonalidades e texturas, num determinado tempo-espaço na cidade.

### **Cartografia-Crônica 3: Ópera Menor**

*À noite, o mar de silêncio da madrugada é interrompido por uma ilha de sons a serem escutados.*

*Motores de automóveis deslocam-se no perímetro. Quase como tubarões rondando a beira da praia.*

*Conversas, alegres e com risadas, aparecem ao fundo por todo o local.*

*Ao fim da música o prato da bateria é tocado e sua vibração metálica mistura-se ao infinito com o ruído contínuo do óleo fervente.*

*As pessoas enfileiradas de pé e em silêncio esperam sua vez para ordenar e pedir. O modo imperativo é trocado por quatro ou seis cliques agudos.*

*A coletânea sertaneja é alta ao lado das conversas boêmias. A alguns metros dali, porém, a música aparece como um sussurro, um ruído ao fundo, um sono leve interrompido por caixas ao chão que ecoam por todo o local.*

*Não uma, mas dezenas de caixotes jogados e arrastados.*

*Virados sobre a mesa evocam uma avalanche de cebolas em percussão.*

*Próximo aos caixotes, estruturas de tubos metálicos rangem ao serem movimentadas ou apertadas.*

*Para criar espaço cria-se som. Um chute em um tambor plástico provoca um longo som.*

*Mas nem um desses é tão autoritário quanto o alarme. Um alarme alto em dois bipes compridos mandam os desatentos olharem, os sentados a se levantarem e os de pé a andarem. Depende apenas*



*da sua vez, uma dança de movimento sincronizada por apenas um som que rasga o lugar.*

*De dia existe o chiado do vento que compete com dezenas de outros ruídos provocados por um tempo muito mais movimentado. São mais motores e mais conversas.*

*O piar de um pássaro quase não é percebido.*

*Marteladas ditam o ritmo do lugar.*

*Um concerto de painéis que, para um ouvinte excêntrico, pode soar como um concerto de painéis.*

*Para os músicos que consertam, as ferramentas são baquetas e as painéis são espécies de agogôs. Os vocais são compartilhados entre todos. Uma ópera múltipla e ordinária.*

*As letras alegres falam da vida de outros ou do próprio trabalho.*

*Buzinas são tocadas. Elas são mais aceitas de dia.*

*As crianças também são. E cantam sobre si mesmas. Externalizam alegremente os seus gostos e seus desejos.*

*Muitos pedidos são seguidos de cliques. Alguns pedidos ligam motores que vibram alto enquanto moem a cana.*

*Perto do meio-dia os alarmes são mais frequentes e os sons dos caixotes batendo voltam. Alfa e Ômega.*

*As mesas metálicas fechando são como gongos que anunciam o fim da ilha.*

*Com o tempo a maré das ruas sobe e os tubarões vão entrando.*

*Ópera menor* é a cartografia-crônica produzida a partir do acompanhamento de uma feira que acontece aos domingos em um espaço que durante a semana tem seu uso destinado a aulas e aplicações de exames práticos de direção. Participando três momentos feira: madrugada (instalação da feira), início da manhã e meio-dia (retirada da feira), busca-se não apenas uma ação descritiva, mas um exercício lúdico de apreensão desse território; onde o participante-cartógrafo deixa-se afetar pela experiência do vivido partindo dos sons como disparadores para acompanhar os processos de produção de subjetividade. Partindo disso, é proposto uma narrativa múltipla, que incite diferentes interpretações e que proporcione uma experiência de leitura estimulante. Usa-se de metáforas para apresentar os sons que compõem o território. Território esse de muitos corpos. Potencializados pelos ruídos, barulhos, músicas e conversas. Corpos que passariam despercebidos sem um exercício contínuo de atenção. Atores menores de uma ópera efêmera.

#### **Cartografia-Crônica 4: A via das inúmeras pessoas**

*Hoje é um dia úmido e cinza. Decido sair de casa, enquanto não chovia, era por volta de dez horas da manhã. Minha casa fica em*

*frente a um largo, uma espécie de lugar verde cercado por duas vias carroçáveis — uma delas é uma via que liga a zona sul à zona norte da cidade, então sempre tem muito trânsito; a outra é praticamente um estacionamento a céu aberto, normalmente.*

*Mas hoje não, essa via ganha um novo sentido na cidade. Onde normalmente tem cerca de cinquenta carros, hoje tinha pilares de bambu que tensionam lonas, formando uma espécie de cobertura itinerante, que só está ali nas terças-feiras. Eu chego entre uma lona e outra, afinal, minha casa fica no meio da quadra, e logo já recebo dois — bom dia!, de dois amigos que estão sempre presentes nas terças, meu dia já não parece mais tão cinza.*

*E percebo que ali, além das mais de dez lonas, também tem pessoas, normalmente só vejo as pessoas saindo dos carros, ou dentro deles, mas hoje não, elas estão na rua, ainda que com um dia feio.*

*Embaixo das lonas existe uma estrutura que separa vendedores de compradores, nessas estruturas existem diversos produtos. Me encontro primeiro com as frutas e verduras, Nossa, quanta coisa! Essa época normalmente esses produtos estão feios, por causa da intensidade de chuva e frio, mas hoje não. As bananas têm cinco ou seis cores diferentes, tem uma caixa com inúmeras goiabas, com inúmeras cores diferentes. Muitos produtos, me perco, já não sabia mais o que queria ver, são pimentas, alho, limão, bergamota, gengibre, abobrinha, cenoura, alho poró.*

*Sigo, e recebo mais um — bom dia!, afinal toda semana me torno parte da via estacionamento das terças-feiras. Caminho mais um pouco e me deparo com as flores, um, dois, três, quatro, cinco baldes cada um com pelo menos três tipos diferentes de flores, quanta cor num dia cinza. Olho para o lado e têm mais diversas plantas com diversas cores.*

*Caminho mais um pouco, em direção “ao fim”, a parte da via que possui menos pessoas e mais carros, a última estrutura tem doces de Pelotas, vários doces em caldas, consigo ver pelo menos dez baldes de doces, aqui já não me encanto tanto quanto nas flores. Depois dessa estrutura a via volta a virar estacionamento de carros, vejo quatro estacionados onde normalmente não poderiam estacionar. Vou voltar para casa.*

*Quando dou meia volta avisto uma mulher com um carrinho, desses de carregar compras, no carrinho só tinha bergamotas, incontáveis, talvez mais de 20: – vai amassar as bergamotas com as próximas compras, moça, cuidado! Logo, avisto um homem passeando com um cachorro, essa prática sim é comum aqui, usam a parte verde do largo para passear com os cachorros, mas esse homem passeava pela via como se uma das vias fizesse parte do cotidiano dele, e ele pudesse finalmente se apropriar dela.*

*Me direciono ao entremeio das duas lonas pelas quais eu cheguei, e passo pelo largo, para ir para casa. Agora já não vejo mais as várias pessoas que encontrei no caminho do meu passeio. Só avisto carros, começo a contar, um, dois, três, uma moto, rápida, um caminhão*

*para e um homem pega caixotes com frutas, dois carros buzina. Me lembrei de uma música do Raul Seixas, antiga, que fazia sucesso quando eu era criança, um trecho em específico me atravessou “Eu falei de tanto número, talvez esqueci de algum, mas as coisas que eu disse, não são lá muito comum Quem souber que conte outra Ou que fique sem nenhum”.*

A cartografia-crônica *A via das inúmeras pessoas* busca, através dos números, relatar as diferenças do território onde acontece a feira, um largo situado em uma via que liga a zona sul à zona norte da cidade. O espaço da feira é normalmente utilizado como via para estacionamento, poucas pessoas são vistas nesse local, à exceção de pessoas dentro dos carros. Além disso, poucas atividades acontecem no lugar, se somam aos carros estacionados as pessoas que passeiam com cachorros. Entretanto, quando a feira acontece a via ganha novas possibilidades de utilização, os carros estacionados dão lugar às pessoas e às bancas de mercadoria. Diferentes cores se apresentam nesse lugar, diferentes sons, diferentes objetos que convencem as pessoas a permanecer por um tempo naquele lugar que se modifica durante o dia, quando amanhece as bancas já estão dispostas, os feirantes esperando os clientes chegarem, então começa a efervescência da feira, que modifica seu público ao longo da manhã, e acaba ao meio-dia como forma de transformação do lugar público novamente.

#### **Cartografia-Crônica 5: É quarta à noite**

*Quem chegar numa quarta à noite verá muitas coisas*

*Se fosse para listar todos os objetos desse momento-ação, perderia muito tempo e a nada chegaria. Algumas coisas já estavam ali antes das 16 horas que transformaram-se com o passar das horas, outras foram sendo inseridas para construir os corredores que agora eu percorro. As pessoas andam não por muito tempo ou sentam em algum canto ou param numa fila como eu.*

*Espero ser atendida pela moça que anota os pedidos do alto do caminhão pintado com uma cena de pôr do sol praiano com loiras e morenas de biquini segurando suas pranchas de surf. Da linearidade organizada da fila, vamos para a aglomeração organizada depois de usar o dinheiro. Durante a espera de ter seu pedido chamado, só pensamos em dar aquela mordida deliciosa. Se sua senha começa com “A” seu pedido é uma combinação especial, se começa com “5” é o tradicional: frango, carne ou queijo. Chamaram o 536, troquei o pedaço de papel com os números pelo meu lanche.*

*Estrategicamente, ao lado serviam caldo de cana. O cliente pode optar pela opção no copo ou na garrafa. As canas moidas estavam em uma lixeira verde alta que já não dava mais conta da sede daquela gente.*

*Bom, se o seu gosto pede por outra bebida, a kombi lá do outro lado apresenta outra opção. No lugar dos assentos, têm barris de chopp. Não sei dizer quantos já tinham ido, mas a clientela parecia satisfeita. Sem mais cadeiras ou bancos para sentar em volta da quantidade razoável de mesas, as pessoas usavam os canteiros como banco-mesa. A segunda possibilidade é mais interessante, a*

*conversa é feita de pertinho somente o espaço para o tira-gosto que os separam.*

*Algumas estruturas parecem copiar esse comportamento, ficam bem juntinhas, é até difícil saber onde termina e começa a outra se não fosse o conteúdo das bancas. Veja ali tem biscoito, bolo e mel; seguido de salsa, cebolinha, alface; depois azaléia, kalanchoe e beijo-americano.*

*Com a ajuda dos produtos, criam-se zonas facilmente reconhecíveis através da temperatura e dos sons. No centro é quente, fumaça sai da carne que chia quando encontra a chapa e a espátula vira o que você pedir: espetinho ou hamburger. Naquela carrocinha estão fritando churros. As bordas são frescas e diluidoras, sentei por ali para comer. Estava nos “fundos” denunciados pelos caixotes vazios, pelas sacolas esperando a próxima compra, as cadeiras que os vendedores sentam quando podem e pelas suas maneiras de transporte, quando a própria estrutura da venda não é móvel.*

*Penduradas nos cabos, as linguças me lembram as ervas de passarinho agarradas nas árvores que estão por todo o lado. Caem dos galhos e se prendem aos postes de iluminação fraca. É noite nublada, mas parece emanar uma luz âmbar das paredes de tijolinho grafitados.*

*O que vejo aqui, parte já estava quando todos chegaram, transformaram-se, foram consumidos e descartados sem critério ou num saco perto à espera do próximo destino. Talvez não muito longe dali.*

A escrita da cartografia-crônica *É quarta à noite* volta-se para os objetos como disparador para a narrativa, categoria ampla, podendo incluir qualquer coisa material ou mental. Mas, como evidenciado no início da cartografia, *se fosse para listar todos os objetos desse momento-ação, perderia muito tempo e a nada chegaria*. Assim, o relato não se ocupa da descrição de objetos de que compõem uma feira localizada em praça na área central da cidade e sim da narrativa das relações de movimento entre estes para dizer sobre os afetos experienciados. Apontando possíveis percursos de interação com os objetos, a narradora convida o leitor a percorrer esse espaço e a participar do cotidiano da feira. Enquanto o texto leva o leitor a caminhar pelo espaço, as imagens permitem espiar, por breves janelas, os objetos que fazem parte deste território. Algumas imagens reforçam objetos já mencionados e outros ampliam o conjunto. A partir do relato, observa-se a possibilidade de organizar os objetos percebidos em dois grupos para compreendê-los: os objetos situados (aqueles que preexistem no território independente da ação feira) e os objetos inseridos (aqueles manifestados no momento feira).

#### **Ciclo 2: Website Crônicas Sobre Territórios Transitivo**

Com as cartografias-crônicas elaboradas, a questão foi pensar como se daria a compartilhamento desses textos, focando em potencializar eles enquanto instrumento não só de registro, mas de debate aberto sobre aquele território. Para isso, optou-se pela criação de um website (<https://transitivos.wixsite.com/cronicas>) para divulgação com a seguinte dinâmica: proporcionar uma experiência derivante e transitória entre textos que quebrasse a linearidade de leitura. Por serem fragmentos, entendeu-se que





Figura 1 - Captura de tela da página virtual com cartografia-crônica É Quarta à Noite. Fonte: Autores, 2022.

os textos poderiam ser lidos em qualquer ordem. Assim, foram pensadas as relações possíveis entre as *cartografias-crônicas*, respondendo sempre à pergunta inicial sobre os afetos evidenciados através da narrativa do cotidiano. Dessa maneira, propõe-se as cinco *cartografias-crônicas* como um conjunto maior que permite abrir caminhos para entendimentos abertos daqueles territórios. Objetivamente, isso se deu em dois gestos:

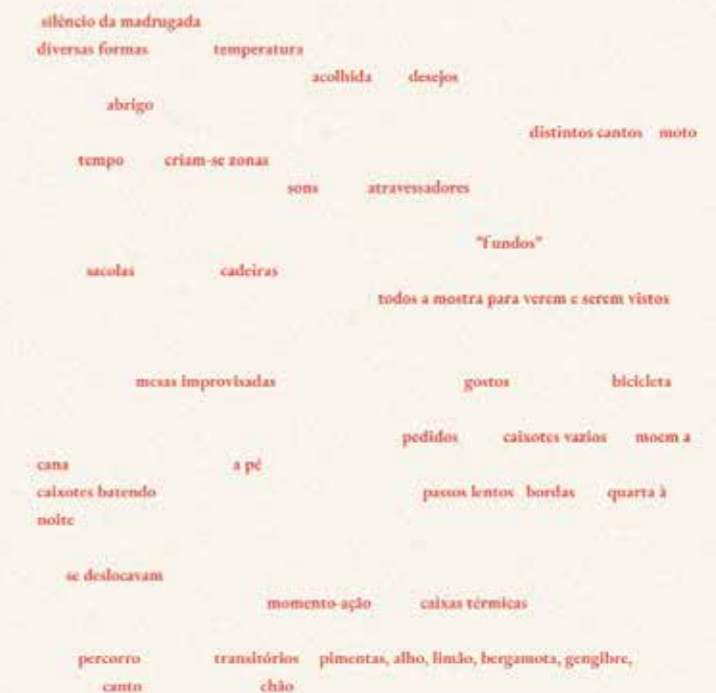
1. Fez-se uma seleção de palavras dentro de cada texto que pudessem remeter internamente entre os cinco textos. Cada palavra selecionada foi colocada em negrito nos textos disponibilizados no site e *linkado* com seus correspondentes (ver exemplo na Figura 1). Isto é, por exemplo, no texto de pessoas foi destacado palavras que remetiam aos outros quatro textos, e tais palavras foram colocadas como links que ao serem clicados direcionaram para eles. Notando que, além disso, juntos a cada *cartografia-crônica*, foi acrescentado alguns recortes de imagens retiradas de fotografias das feiras visitadas, para reforçar a ideia de fragmento e dar pistas das palavras disparadoras. Isso numa proposição de dinamizar a visualidade desses textos, junto com as palavras destacadas.
2. Para quebrar efetivamente a linearidade da leitura e possibilitar combinações diferentes entre textos, realizou-se a elaboração de uma nova cartografia coletiva. Uma nuvem de palavras de links que conteve o agrupamento aleatorizado das palavras destacadas de cada *cartografia-crônica* (ver Figura 2). Ela é utilizada na abertura do website, e funciona como uma espécie de menu fragmentado. Assim, a cartografia coletiva e as cartografias individuais estão conectadas (*linkadas*) a partir das palavras destacadas em negrito, do mesmo modo que se conectam entre si, possibilitando que as crônicas sejam permeadas.

Sem nenhuma indicação de ordem, a ideia foi que o leitor, ao selecionar uma palavra da nuvem localizada no site, fosse direcionado para uma das *cartografias-crônicas*. Já nesse texto, poderia clicar em outras palavras e ir derivando entre textos, podendo ir e voltar entre os mapas. Assim, constitui-se uma rede de afetos disparadora de memórias sobre objetos, ações e pessoas do fenômeno-feira que fazem coexistir um viver comum. Ainda, a articulação por entre as memórias registradas nesses textos fazem pensar sobre a teimosia tática das feiras e, na mesma medida, descrevem o processo cartográfico: a possibilidade de deixar-se afetar e a de decidir permanecer ou derivar. A intenção foi criar um jogo entre texto-leitor que abre possibilidades de imaginar tantos outros *momentos feiras* reunidos em uma sentença. As palavras linkadas funcionam como janelas em dois níveis: abre para a memória coletiva e reconhecível do espaço

## CRÔNICAS SOBRE TERRITÓRIOS TRANSITIVOS

territórios, que devido à sua temporalidade específica, temos acesso em um determinado momento. E dizem sobre a coexistência de memórias distintas.

sobre o site >>>



onde a feira acontece e também para a indicação de peculiaridades locais reconhecíveis numa identidade cotidiana.

### Considerações Sobre o Cotidiano da Feira

A investigação pelos espaços onde acontecem as feiras abriu um conjunto de possibilidades que não se limitam somente às que foram estudadas. Apesar de cada participante-cartógrafo ter uma palavra disparadora, outras relações se sobressaíram nas crônicas, revelando certas similaridades nesses territórios. As feiras podem ser vistas como pontos de encontro na cidade, onde acontecem trocas entre as pessoas, seja na relação entre os próprios feirantes ou entre feirantes e compradores. Lá são compartilhadas histórias, memórias e momentos que afloram numa determinada espacialidade temporal. A feira tem hora para começar e terminar, mas é nesse intervalo que é encontrada a sua potência — a partir desses encontros, aproximações e coexistências de afetividade.

As narrativas que compõem as *cartografias-crônicas* buscam evidenciar tal complexidade desse território. Mesmo que as cinco feiras estudadas resultaram em narrativas diferentes, não só pelos disparadores, mas pelas próprias peculiaridades locais, ainda há uma evidente transversalidade de afetos. Assim, é possível observar como elas se dispõem de maneiras diferentes, em ambientes distintos, entretanto, também como esse território, aqui chamado de transitivos, evoca similaridades. Sejam pelas pessoas presentes, dinâmicas desenvolvidas, ou sentidos criados no lugar. Uma composição de um território afetivo transversalizado, ainda que esses lugares sejam montados e desmontados de acordo com necessidades específicas.

Além disso, pela elaboração e divulgação dos textos, focou-se em evidenciar essas transversalidades, de modo a construir uma relação entre autor-texto-leitor plural e imaginativo. Ao dar a ver o sensível do viver citadino, se expõe uma cotidianidade que precisa ser construída na coletividade, sendo isso o que deu potência fundante a experimentação descrita nesse ensaio. Desde a vivência das feiras, passando pela escrita e terminando na divulgação, um dos pontos centrais foi dinamizar o processo para que todo ele tivesse a possibilidade de transpassar o imaginário desse *território transitivo*. Como dito anteriormente, são espaços e lugares que se constituem como locais pela simultaneidade, sincronia e conflito. São territórios de afetação, de memória, de reinvenção.

Figura 2 - Captura de tela da página virtual inicial com cartografia coletiva. Fonte: Autores, 2022.

Portanto, este ensaio mostra um exercício de experimentação urbana ativa e contínua. Cada *cartografia-crônica* dá acesso para as outras *cartografias-crônicas*, sendo possível vivenciar imagicamente uma outra experiência de feira. Afetada pela memória dos corpos-leitores, pela ordem de leitura, pelo caráter imaginativo dos textos como fragmentos. Mesmo sem a presença física no local, pela leitura convida-se a atentar para elementos indissociáveis desses espaços que acontecem as feiras: os sons característicos; os objetos transportados de um lado para o outro; o barulho; as texturas; os aromas, o vai e vem das pessoas circulando. Inclusive, isso se apresenta numa possibilidade de criar um olhar atento ao espaço cotidiano do próprio leitor. Pode-se percorrer por diferentes feiras, seja revisitando na memória, seja numa futura visita física, seja por um processo imaginativo na leitura das *cartografias-crônicas*. O princípio foi destacar afetos que transitam entre corpos e urbanidades táteis. Coisas do cotidiano, mas que são evidenciadas e potencializadas num determinado instante, naquele *momento feira* que acontece na cidade.

## Referências

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. Em: PASSOS, E. *et al. Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. FGV Editora, 2007.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Tradução Daniel Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. As feiras populares como territórios de persistência. *Arquitextos*, São Paulo, ano 20, n. 240.05, Vitruvius, maio 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.240/7747>. Acesso 16 jul. 2022.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 63-89, junho, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

PEREC, Georges (2016). *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. Tradução de Ivo Barroso de Tentative d'épuisement d'un lieu parisien, 1975. São Paulo: Gustavo Gilli.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo, Edusp, 1996.